

PERFIL. PORTUGUÊS FAZ MODELOS DE ALTA-FIDELIDADE EXCLUSIVOS

O tuning dos gira-discos

Rui Borges criou um aparelho capaz de competir com as melhores marcas. Usa o vinil, que continua a ser o preferido dos peritos em sistemas de som. E nem lhe venham falar em MP3

ANDRÉ RITO

Por mais rápida que seja a evolução tecnológica da alta-fidelidade, o velho vinil continua a ser o sistema áudio preferido pelos peritos mais exigentes. Rui Borges foi o criador do primeiro gira-discos português e é agora, aos 50 anos, um dos responsáveis por se continuar a ouvir música “à antiga”. Tudo em nome da fidelidade do som.

“Com 15 ou 16 anos, o meu pai ofereceu-me um gira-discos da Philips, que eu troquei por um braço SME. Era o melhor braço do mundo”, conta à SÁBADO. O braço é o suporte onde a agulha está instalada, mas de nada serve sem o restante equipamento. “O meu pai ficou furioso”, recorda. “Estive alguns meses só com o braço, até que arranjei um chassi e o amplificador. Comprei uns altifalantes e construí umas colunas”, diz. Foi a sua primeira aparelhagem “a sério”.

Funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, onde trabalhou como projectista durante 20 anos, Rui Borges manteve sempre uma ligação à alta-fidelidade, a que se dedicava nas horas livres.

Em 1998, decidiu abandonar a função pública para “dar uma mãozinha numa loja de música”. Por essa altura já tinha projectado o seu primeiro modelo de gira-discos. Garante que começou por fazer o protótipo por não ter dinheiro para comprar o aparelho que cobiçava. “Fiz o chassi com peças de outros



gira-discos”, conta. Desse projecto, a que dedicou cinco anos, resultou o RSB Reference, modelo considerado, em 1996, o gira-discos do ano por uma revista da especialidade. Foi o primeiro aparelho português.



O Rui Borges Turntables

- Demorou dois meses a construir. Evoluiu de um primeiro modelo que lhe levou cinco anos a fazer
- Pesa 60 quilos
- Custa cerca de 6 mil euros
- Só existem sete exemplares

Desde então, Rui Borges dedica-se a criar novos modelos por encomenda. Há três anos, no pico do Verão, fechou-se durante um par de meses na sua pequena oficina concentrando toda a atenção nas ferramentas e tornos de alta precisão. “Se pudesse dedicava-me exclusivamente à construção de gira-discos. Só faço protótipos, porque fazer em série é uma chatice”, diz.

Dos dias de reclusão, surgiu um modelo único, capaz de competir com os melhores: o Rui Borges Turntables. “É um aparelho que custa cerca de 6 mil euros, com a agulha e o braço incluídos.” O carácter exclusivo é uma

Rui Borges tem uma sala de demonstrações para os clientes avaliarem a qualidade do som

das razões para o elevado preço: só foram feitos sete exemplares.

NA SUA LOJA, num primeiro andar da Rua da Madalena, na Baixa lisboeta, Rui Borges vende todo o tipo de tecnologias ligadas ao áudio e vídeo. Passa horas na sala de demonstrações com os clientes na procura da harmonia ideal entre as várias componentes de um sistema Hi-Fi. Além disso é um exímio restaurador de equipamentos antigos.

Só não lhe falem em MP3. Recusa-se a ouvi-los, não faz *downloads*, nem tem iPod. Não se trata de uma mera tradição ou resistência à mudança, até porque, apesar de ser apaixonado pelo vinil, Rui Borges ouve muita música em formato digital e é um profundo conhecedor de todos os avanços da tecnologia áudio. “Comprei o meu primeiro CD em 1985, ainda poucos sabiam o que era”, garante.

Mas, ao mesmo tempo, garante que não há experiência sonora que se compare com colocar um disco no prato e pousar levemente a agulha. ■